organizadores
Vinicius Barbosa Cannavô
Maura Jeisper Fernandes Vieira
Priscila Tadei Nakata Zago
Lázaro de Oliveira Evangelista
Cristianne Maria Famer Rocha

MODOS DE SER CONTEMPORÂNEO

sujeit@s do nosso tempo

CAPES
PPGEDU UFRGS/FACED
pimenta cultural

organizadores
Vinicius Barbosa Cannavô
Maura Jeisper Fernandes Vieira
Priscila Tadei Nakata Zago
Lázaro de Oliveira Evangelista
Cristianne Maria Famer Rocha

MODOS DE SER CONTEMPORÂNEO

sujeit@s do nosso tempo

CAPES PPGEDU UFRGS/FACED | São Paulo | 2025 | pimenta cultural

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

M692

Modos de ser contemporâneo: sujeit@s do nosso tempo / Organização Vinicius Barbosa Cannavô... [et al]. – São Paulo: Pimenta Cultural, 2025.

Demais organizadores: Maura Jeisper Fernandes Vieira, Priscila Tadei Nakata Zago, Lázaro de Oliveira Evangelista, Cristianne Maria Famer Rocha.

Livro em PDF

ISBN 978-85-7221-327-1
DOI 10.31560/pimentacultural/978-85-7221-327-1

1. Educação. 2. Neoliberalismo. 3. Sujeitos contemporâneos. 4. Processos de subjetivação. 5. Novos modos de existir. I. Cannavô, Vinicius Barbosa (Org.). II. Vieira, Maura Jeisper Fernandes (Org.). III. Evangelista, Lázaro de Oliveira (Org.). IV. Rocha, Cristianne Maria Famer (Org.). V. Título.

CDD: 371.115

Índice para catálogo sistemático:
I. Educação
II. Neoliberalismo
Simone Sales • Bibliotecária • CRB ES-000814/O

1

Vinícius Barbosa Cannavô
Maura Jeisper Fernandes Vieira
Priscila Tadei Nakata Zago
Lázaro de Oliveira Evangelista
Cristianne Maria Famer Rocha

MODOS DE SER CONTEMPORÂNEO NOS TEMPOS ATUAIS:

QUEM SÃO OS SUJEITO@S DO NOSSO TEMPO?

DOI: 10.31560/pimentacultural/978-85-7221-327-1.1

SUMÁRIO

Este livro nasce do desejo coletivo de explorar múltiplas subjetividades e agenciamentos no tempo presente, no que convencionamos chamar de contemporâneo. Byung-Chul Han (2021) nos convida a prestar atenção no que passa no presente sem reivindicá-lo como nosso. Ninguém está à frente do seu tempo, como corriqueiramente escutamos por aí, mas situados no contemporâneo, sendo constantemente (re)produzidos pelas condições de existência do presente. Se produzidos no contemporâneo, também inatuais porque nada nem ninguém pode coincidir perfeitamente com um tempo (Agamben, 2009). Os tempos áureos do iluminismo, que muito influencia as sociedades atuais, propuseram revelar a escuridão expondo-a à luz, mas talvez seja exatamente colidindo com a escuridão, isto é, com aquilo que não se pode ver nem entender, deixando-a penetrar na nossa intimidade para que possamos experimentá-la e dizer o novo e não repetir o dito.

Os textos presentes neste compêndio estabelecem uma relação de estranhamento com o espírito do nosso tempo. Não meramente a crítica às tecnologias digitais, à globalização, ao neoliberalismo, à docência, à enfermagem, às questões migratórias, ao patriarcado, ao colonialismo, aos cuidados de saúde, à educação das relações étnico-raciais, à literatura infantojuvenil, à menstruação, à alimentação e às mudanças nas estruturas sociais que produzem e reproduzem nossas subjetividades, mas a crítica permanente, a ser revisitada constantemente por nós e por outros que se proponham a problematizar o contemporâneo em outros tempos - ou para usar um termo muitas vezes citados por Alfredo Veiga-Neto (2006): a hipercrítica, acioná-la para tensionar o pensar.

Estes textos partem do campo de estudos pós-críticos[1], intencionado desconstruir algumas noções tradicionais de identidade e

1 O campo de pesquisa pós-crítico opera de modo distinto da tradição da teoria crítica trazendo para o debate as implicações concernentes às relações de poder, o sujeito como efeito da linguagem, bem como social, cultural e historicamente construído. Existe nesta perspectiva um declínio das metanarrativas e as categorias são consideradas dentro de uma ordem contingencial. Ainda neste campo há um movimento de desnaturalização que evidencia o caráter não natural das coisas e considera a verdade como uma construção social que é diretamente atravessada pelo exercício do poder que, como em um jogo de forças, legitimam algumas verdades e deslegitimam outras (Meyer e Paraíso, 2012; Silva, 2005).

subjetividade, oferecendo uma visão crítica sobre as forças discursivas, sociais e culturais que moldam os modos de ser no mundo atual. As transformações sociais, culturais e tecnológicas nas últimas décadas exigem uma constante reavaliação das formas de ser e estar no mundo. Nesse sentido, as produções apresentadas nesse livro buscam problematizar as concepções fixas de identidade, que muitas vezes são tomadas como naturais e imutáveis, revelando como essas identidades são resultados de complexas articulações discursivas e práticas de poder (Silva, 2005).

Além do mais, ao investigar os modos pelos quais os sujeitos são produzidos e posicionados em diferentes contextos sociais, este compêndio de textos pretende mostrar que as subjetividades contemporâneas estão em constante processo de negociação e transformação, no Brasil e no mundo. As análises, a seguir apresentadas, seja pela diversidade dos temas tratados e dos referenciais teóricos utilizados, além das abordagens metodológicas colocadas em operação, buscam explorar modos de ser e estar no contemporâneo.

Os sujeitos contemporâneos são caracterizados principalmente por um tipo de individualismo exacerbado e uma sobrecarga de autoexigência. Han (2021) argumenta que o sujeito não é mais visto como um ser sujeito à repressão externa, mas, ao contrário, é impelido a se autoexplorar e a buscar constantemente a realização pessoal. O sujeito é constantemente pressionado a ser produtivo, eficiente e otimizado, o que leva a um aumento da ansiedade, do estresse e do esgotamento. A ideia de liberdade, que se pensava ser um símbolo de emancipação, acaba se tornando uma armadilha, pois a liberdade para agir e realizar é uma liberdade sobrecarregada por expectativas de sucesso e desempenho.

Por outro lado, os sujeitos contemporâneos também habitam o terreno do poder, onde resistências e contracondutas também podem ser acionadas (Foucault, 2008) em espaços micropolíticos (Deleuze e Guattari, 2018). Subverte a norma hegemônica estabelecida, a ordem

do discurso e fazer uma outra coisa, em outro tempo, para construir um outro território, um outro corpo. Condutas são naturalizadas e por isso podem ser desnaturalizadas por posturas, manifestações e ações individuais e coletivas, seja no campo social, econômico, político, artístico, cultural. Questionam-se normas, reconfiguram-se relações de poder e, assim, modos de existência plurais são possíveis.

O capítulo *A produção acadêmica na América Latina em tempos de neoliberalismo: desafios e possibilidades*, escrito por Maria Luíza Lucas dos Santos e Hector Hernando propõe uma análise crítica sobre a produção acadêmica e o produtivismo na América Latina, especialmente no contexto do neoliberalismo. O texto nasce do encontro entre um acadêmico colombiano e uma acadêmica brasileira em um congresso universitário no México. O texto discute os desafios cotidianos da vida universitária, com ênfase no produtivismo exacerbado imposto pela lógica neoliberal, que pressiona os acadêmicos a produzirem incessantemente para atender a critérios quantitativos de avaliação. Nesse cenário, o acadêmico latino-americano muitas vezes se vê preso a uma dinâmica em que suas produções são direcionadas a preencher currículos de forma impessoal, sem o objetivo de estabelecer diálogos significativos ou questionamentos, seguindo padrões eurocêntricos ou norte-americanos. Os autores levantam a questão de como seria possível romper com essa lógica produtivista e construir novos modos de estar na academia, desafiando as métricas que reduzem o conhecimento a números e artigos rápidos, em detrimento de uma reflexão mais profunda e crítica.

Em uma revisão narrativa de literatura, Amanda de Mello Martins, Elisabeth Lima de Oliveira e Fernanda Carlise Mattioni, no capítulo *A constituição de subjetividades na Universidade contemporânea: uma revisão,* reúnem pesquisas que visam destacar a ampla inserção da racionalidade neoliberal no contexto acadêmico, na atualidade. As autoras apresentam quais subjetividades estão sendo produzidas no contexto da universidade, na contemporaneidade e através de uma reflexão crítica apontam que possibilidades

de resistências e contracondutas são produzidas nesse contexto no cenário acadêmico atual.

No capítulo intitulado *A Docência Espetacularizada no TikTok: um modo de ser professor no contemporâneo,* Maura Jeisper Fernandes Vieira, Kamyla Stanieski Dias, Liara Saldanha Brites lançam a seguinte questão: como as práticas de professores midiatizados em plataformas digitais reconfiguram a docência na contemporaneidade? Para responder, as autoras convidam o leitor a pensar tais práticas, - a de professores midiatizados em plataformas digitais -, como reconfigurantes da docência na contemporaneidade a partir de um olhar sobre os efeitos do Neoliberalismo enquanto racionalidade, que atinge a dimensão de uma forma de ser no contexto contemporâneo. Para tal, abordam elementos como a transição *da Sociedade do Espetáculo* para o *Show do Eu* e a *Docência Espetacularizada*, a partir de uma análise ensaística de exemplos brasileiros do cotidiano docente no *TikTok*.

Em *Modos de ser enfermeir@ na contemporaneidade: o empresário de si e os desafios para além do cuidado*, Flávia Feron Luiz, Tanisa Brito Lanzarini e Liciane da Silva Costa Dresch destacam que a contemporaneidade é marcada por uma valorização da individualidade, onde o sujeito enfermeiro acaba tendo que se adaptar à realidade do mercado neoliberal. A variedade de tópicos, que vai desde especialidades da profissão até fofocas e críticas sociais, revela uma nova dinâmica na profissão, marcada pela transformação nos modos de educar e informar, agora imersos na produção de conteúdo digital. Para o enfermeiro digital, o que está em jogo é a capacidade de provocar reações emocionais e ações significativas nos usuários. O sucesso dessa influência depende da disposição do profissional para se expor na internet, de seu conhecimento no uso de ferramentas digitais e, principalmente, de sua habilidade de comunicação eficaz e cativante. Nesse contexto, os desafios impostos pelas transformações sociais, econômicas e pela lógica neoliberal estão redefinindo a prática e a identidade dos enfermeiros, afetando sua

SUMÁRIO

autonomia e a ética do cuidado. Esse processo, em curso, é caracterizado pela precarização de recursos e pela inovação tecnológica, além da valorização da meritocracia. Na Enfermagem, o conceito de "trabalhador empresário de si" estará alinhado aos novos modos de viver contemporâneos, promovendo outras formas de ser e existir na profissão, que seguirão as novas dinâmicas sociais e profissionais.

A discussão travada por Ana Villarroel Márquez, em seu capítulo intitulado *Existencia de un rap feminista como manifestación artístico-activista que se desarrolla dentro del Hip Hop para hacer frente a la violencia contra las mujeres*, versa sobre o rap feminista cantado em espanhol, especialmente nos territórios urbanizados do que hoje conhecemos como México, a partir de uma abordagem discursiva, epistemológica e política criada por mulheres para combater a violência sexista e a persistente presença do patriarcado nas sociedades urbanas. O Hip Hop, nascido de um contexto de pobreza e desigualdade, sempre teve uma perspectiva de transformação social, e dentro dessa contracultura, as mulheres estiveram presentes desde o início, embora frequentemente ofuscadas por uma narrativa predominantemente masculina. Nos últimos 20 anos, surgiu o rap feminista, uma vertente crítica que questiona as normas de gênero dentro do próprio Hip Hop, um espaço também marcado por práticas patriarcais. O surgimento desse movimento reflete uma necessidade interna de reconfiguração das relações de gênero, onde as mulheres, ao se perceberem marginalizadas, passaram a se organizar para transformar a cultura e sua representação. O Hip Hop, enquanto uma forma de vida e expressão livre, possibilita justamente esse espaço de resistência e transformação, onde a interculturalidade e a inclusão ganham destaque, mesmo frente ao processo de comercialização da indústria.

Partindo da tríade necessidade, desejo e obsessão, Carolina Araujo Londero, Júlia Gomes Bragante Commiato, Luiza Viriato Borges, Thiago Perez Jorge, Tiago Amaral Sales, no capítulo intitulado *Modos de ser e de se alimentar no contemporâneo: comer, resistir e re-existir no contexto da racionalidade neoliberal*, apresentam

SUMÁRIO

uma reflexão crítica acerca das formas de ser e de se alimentar na atualidade, analisando as interconexões entre alimentação, resistência e re-existência. Os autores problematizam as implicações culturais, políticas e econômicas do ato de comer, evidenciando como a alimentação ultrapassa sua dimensão biológica e se inscreve em redes de poder, saber e normatização social. A partir de um olhar atento sobre os impactos do sistema agroalimentar hegemônico e das políticas neoliberais na produção e no consumo de alimentos, os autores examinam como a comida é atravessada por memórias, afetos e disputas simbólicas. Discute-se a fragmentação do alimento no capitalismo globalizado e como a alimentação se tornou um campo de controle e mercantilização, influenciado por narrativas que individualizam as responsabilidades sobre escolhas alimentares, obscurecendo as desigualdades estruturais.

Elsa Franke Roso e Priscila Tadei Nakata Zago, no capítulo *O enfrentamento da tuberculose na contemporaneidade: quais as possibilidades para aqueles que não caminham na linha?*, está versado sob a linha tênue entre ficção e realidade que se desfaz, pois, as autoras abordam o real como ficcionalizado - uma vez que a criação de narrativas é algo intrínseco ao ser humano. A ficcionalização do real acontece por meio da leitura e escrita de histórias, que organizam ideias e conferem sentido à vida, que, por si só, é cheia de ambiguidades. A história de Anderson, portanto, busca apresentar uma nova perspectiva sobre o enfrentamento da tuberculose na contemporaneidade, ressaltando que diferentes compreensões sobre um mesmo fenômeno são fundamentais para o entendimento do mundo. Ao confrontar diversas visões, abre-se um caminho para combater a polarização de ideias, pois cada ponto de vista revela uma faceta do humano, enquanto a defesa de uma única ideia tende a desumanizar e a limitar o potencial de vida. Por isso, no texto, tanto os nomes dos personagens quanto os dos profissionais de saúde são fictícios, enfatizando a atuação coletiva da equipe e a ideia de que o enfrentamento de problemas complexos, como a TB, exige uma abordagem conjunta e plural.

O capítulo intitulado *A ordem global e o refúgio no sul global: colonialidade, geopolítica e a crítica africana ao regime internacional de refugiados*, escrito por Vinícius Barbosa Cannavô, Adilson Cristiano Habowski, Leonei Braun, Francine Carlete Groth Eichler, Milena Ribeiro Lopes, Jara María Romero Luque, Brice Gaelfie N Gouaka Bouaha, aborda a problemática da colonialidade do poder, um sistema eurocêntrico que subjuga povos não-europeus, perpetuando a ideia de subdesenvolvimento e atraso. Essa lógica se mantém presente nas soluções humanitárias voltadas para os deslocamentos humanos, que apesar de contarem com instrumentos como a Declaração dos Direitos Humanos e a Convenção de 1951, esbarram na soberania dos Estados em garantir direitos aos refugiados. A análise se concentra na África, continente marcado pela colonização europeia e exploração de seus recursos. A Conferência de Bandung, em 1955, representou um marco na luta contra o colonialismo, impulsionando a descolonização e, consequentemente, o aumento dos deslocamentos forçados. A criação do *Protocolo sobre o Estatuto dos Refugiados,* em 1967, e a *Convenção da Organização da Unidade Africana (OUA) sobre os Aspectos Específicos dos Problemas de Refúgio na África*, em 1969, são respostas africanas para lidar com as particularidades do continente, evidenciando que as causas do refúgio no Terceiro Mundo estão intrinsecamente ligadas ao capitalismo e ao imperialismo.

No capítulo *Educação das Relações Étnico-Raciais e os aportes socioculturais das tradições Bantu: contribuições para a educação contemporânea*, Lázaro de Oliveira Evangelista, Carolina de Freitas Corrêa Siqueira, Walter Günther Rodrigues Lippold e Carlos Alberto da Silva Lisboa dos Santos propõem uma reflexão sobre a importância da Educação das Relações Étnico-Raciais (ERER) e o impacto das tradições *Bantu* na formação histórica, social e cultural do Brasil, com ênfase na construção de uma sociedade antirracista. A contribuição das culturas africanas, especialmente no que tange aos saberes, ciências, filosofias e cosmopercepções que circularam na diáspora africana, é abordada como essencial para a compreensão

das práticas cotidianas e da formação das identidades nacionais. A invisibilização dessas contribuições, relacionada aos fenômenos do racismo e do eurocentrismo, é vista como um obstáculo à promoção da justiça social e à superação das assimetrias históricas enfrentadas pela população negro-brasileira. O artigo propõe que o reconhecimento dos saberes africanos, incluindo os específicos das tradições *Bantu*, seja integrado aos currículos escolares e acadêmicos, a fim de fortalecer a descolonização do pensamento e ampliar o diálogo intercultural. A análise é fundamentada nas diretrizes e políticas públicas, como a Lei nº 10.639 (Brasil, 2003), que tornou obrigatória a inclusão da História e Cultura Afro-brasileira e Africana nos currículos oficiais, além da promoção da ERER como eixo estruturante nos projetos pedagógicos.

O capítulo *Oxum, Menstruação e a Ética do Cuidado Feminista na Literatura Infantojuvenil*, de Michelle Brugnera Cruz Cechin, Lucas Barros dos Santos e Lázaro de Oliveira Evangelista, evidencia a crescente relevância da menstruação na literatura infantojuvenil contemporânea, impulsionada pelo ativismo menstrual e mudanças culturais. A obra *O Ouro Vermelho de Dara* é destacada como um exemplo significativo, ao apresentar uma protagonista negra, umbandista e baiana, abordando a menarca em um contexto de vulnerabilidade e precariedade. A narrativa inovadora desafia a hegemonia das representações tradicionais, oferecendo uma perspectiva interseccional que contempla raça, religião e classe social. A presença da divindade Oxum, símbolo da criação e maternidade, enfatiza a importância da representatividade e do cuidado com a saúde menstrual. O texto ressalta a necessidade de estudos futuros para compreender o impacto da obra na formação de crianças e jovens leitores, considerando suas vivências e experiências.

Espera-se que, com a diversidade de temas propostos, em uma composição de textos plurais, que buscam dar conta da diversidade de corpos, narrativas e fragmentos, o livro tenha conseguido abarcar temáticas que cruzam discussões sobre os sujeitos

e os fenômenos contemporâneos. Assim, ao buscar desconstruir algumas das narrativas tradicionais sobre o que significa ser um sujeito na contemporaneidade, esperamos que esta obra ofereça uma plataforma crítica para analisar e repensar modos de existir no mundo atual, incentivando uma reflexão sobre as possibilidades de novas formas de subjetividade que possam emergir em resposta aos desafios do presente. Inspirados por Frederic Gros (2021), reiteramos sempre que o contemporâneo é um tempo com cadência própria e o que podemos dizer e fazer sempre será inacabado e inatual.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, G. **O que é o contemporâneo?** E outros ensaios. Chapecó: Argos, 2009.

BRASIL. **Lei n.º 10.639**, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Brasília: Presidência da República, 2003.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Kafka**: por uma literatura menor. São Paulo: Autêntica, 2018.

FOUCAULT, M. **Segurança, território, população:** Curso no Collège de France (1977-1978). São Paulo: Martins Fontes, 2008.

GROS, F. **Caminhar**: uma filosofia**.** São Paulo: Ubu, 2021.

HAN, B. C. **Favor fechar os olhos:** em busca de um outro tempo Petropólis: Vozes, 2021.

MEYER, D. E.; PARAÍSO, M. A. (Orgs.). **Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação**. Belo Horizonte: Mazza, 2012.

SILVA, T. T. da. **Documentos de identidade**: uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

VEIGA-NETO, A. Dominação, violência, poder e educação escolar em tempos de Império. *In:* RAGO, M.; VEIGA-NETO, A. (Orgs.) **Figuras de Foucault.** Belo Horizonte: Autêntica, 2006, p. 13-38.